



LIMITES E INTERSECÇÕES ENTRE O MATERNO E O ESTRANGEIRO NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Lisley Camargo Oberst¹, Cristiane Carneiro Capristano², Edson Carlos Romualdo³

RESUMO: A relação entre língua materna (LM) e estrangeira (LE) tem sido abordada em estudos como os de Coracini (2003, 2007) e o de Revuz (1998). Nesses trabalhos, defende-se a não simplicidade do contato e da inserção em uma LE e a existência de uma relação intrínseca desta com a LM dos aprendizes de uma LE. Afirma-se que, apesar de existirem diferenças óbvias entre LM e LE, elas não apresentariam limites tão precisos, visto que existiria uma relação de imbricação entre essas línguas. Nesta pesquisa, baseando-nos nesse arcabouço teórico e partindo da proposta de análise da sílaba apresentada por Chacon (2014), objetiva-se analisar registros escritos de palavras em inglês, feitos por crianças, falantes do português brasileiro (PB), que tiveram pouco ou nenhum contato formal prévio com o inglês. Especificamente, investigam-se quais conflitos relativos à estrutura silábica são vividos por esses escreventes quando se veem frente ao desafio de registrar palavras em inglês e buscam-se indícios da influência ou não da LM dos escreventes para a instauração desses conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da Escrita; Língua Estrangeira; Língua Materna; Ortografia; Sílaba.

1 INTRODUÇÃO

A complexa relação entre língua materna (LM) e língua estrangeira (LE) tem sido abordada em estudos como Coracini (2003, 2007) e Revuz (1998). Nesses trabalhos, as autoras defendem a não simplicidade do contato e da inserção do sujeito em uma LE. Defendem, também, que, apesar de existirem diferenças óbvias entre LM e LE, elas não apresentariam limites tão precisos, visto que, por exemplo, na aquisição de uma LE, haveria, necessariamente, uma relação de imbricação entre as duas línguas. As autoras afirmam, por fim, que a inserção em uma LE sempre ocorrerá levando-se em consideração vários aspectos que os usuários da língua, entendidos como sujeitos únicos e sócio-histórico-culturalmente afetados, carregariam consigo desde seu primeiro contato com a sua LM.

Em nossa pesquisa, o propósito foi refletir sobre como se daria essa complexa relação entre LM e LE, examinando dados bastante singulares: registros escritos de palavras em língua inglesa feitos por crianças em processo de aquisição da escrita de sua língua materna, falantes do português brasileiro (PB), com pouco ou nenhum contato prévio com a LE. O pressuposto que direcionou nossos olhares foi o de que as crianças poderiam usar seu conhecimento da LM para registrar as palavras em inglês, fazendo, talvez, uma relação direta entre LM e LE. De forma mais específica, pretendeu-se: (i) investigar quais conflitos relativos à organização da sílaba seriam vividos por essas crianças ao registrarem graficamente palavras do inglês; e (ii) detectar indícios da atuação da LM dessas crianças para a resolução desses possíveis conflitos. Esses objetivos foram desenvolvidos com base em contribuições teóricas de três tipos diferentes de estudo, a saber: (a) estudos sobre a relação entre LM e LE, supramencionados; (b) estudos sobre a organização fonético-fonológica da sílaba⁴; e, por fim, (c) estudos sobre a ortografia⁵.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O material selecionado para a análise foi coletado durante o projeto de extensão “Introdução à Língua Inglesa: música para gente pequena”, desenvolvido por Lisley Camargo Oberst e Mayara Stéphanie Barbieri dos Santos sob a orientação da Prof^a. Dra. Cristiane Carneiro Capristano. Este projeto foi desenvolvido no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP) – UEM, no período de 20/10/2014 à 14/11/2014. Durante o projeto de extensão, as pesquisadoras aplicaram quatro propostas de produção textual com temáticas diferentes baseadas em músicas infantis para as turmas do 2º ano do Ensino Fundamental I. As crianças que participaram das atividades possuíam pouco ou nenhum conhecimento prévio da língua inglesa. Ao todo, foram coletadas 259 produções textuais.

¹ Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Maringá – PR. PIC-UEM. lisleyoberst@hotmail.com.

² Professora Doutora do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. capristano1@yahoo.com.br.

³ Professor Doutor do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. ecomualdo@uol.com.br.

⁴ A noção de organização da sílaba adotada nesta pesquisa baseia-se na proposta de Selkirk (1982) e na interpretação que Chacon (2014) faz dessa proposta para análise de erros ortográficos presentes na escrita infantil. Conferir maiores informações na seção “Material e Métodos”.

⁵ Em nossa pesquisa, trabalhamos com a noção de ortografia como propõe Cagliari (1994). Sob este ângulo, consideramos que a ortografia é um aspecto convencional da escrita utilizado para a regularização da grafia das palavras.

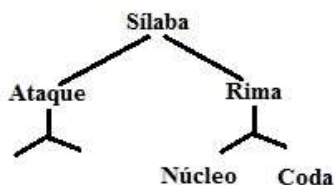


Para realização da presente pesquisa, selecionamos apenas uma das propostas que foi realizada, inicialmente, a partir da história “A chapeuzinho vermelho”, contada por uma das pesquisadoras que desenvolveram o projeto supracitado. Essa pesquisadora fez a narração da história alternando entre a LM dos alunos e a LE em questão. As crianças, depois dessa narração, ouviram uma canção em língua inglesa com a mesma temática. Com base na canção e nas palavras em inglês que incluía na história, a pesquisadora propôs para as crianças um ditado composto por dez pares de palavras: dez palavras em PB e seus correspondentes em inglês.

Dentre todas as palavras registradas pelas crianças, selecionamos três pares de palavras para integrar o *corpus* de nossa pesquisa, devido à relevância que possuem na história e ao conhecimento e uso delas pelas crianças, a saber: “vovó/grandma”, “olhos/eyes” e “dentes/teeth”. Houve variação na quantidade de registro de cada palavra, já que nem todas as crianças registraram todas elas: “vovó” foi registrada 66 vezes, “grandma” foi registrada 61 vezes, “olhos” foi registrada 65 vezes, “eyes” foi registrada 59 vezes, “dentes” foi registrada 63 vezes e, por fim, a palavra “teeth” foi registrada 60 vezes. Para a análise destas palavras⁶, fizemos, inicialmente, uma caracterização linguística delas, e, em seguida, a quantificação dos registros ortograficamente convencionais e dos não convencionais. Para essa caracterização linguística, consideramos a organização ortográfica e a organização fonético-fonológica dessas palavras.

A organização fonético-fonológica dos pares de palavras que examinamos foi observada, como adiantado (cf. nota 4), a partir da proposta de Selkirk (1982) e da interpretação que Chacon (2014) faz dessa proposta para análise de erros ortográficos presentes na escrita infantil. Segundo Chacon (2014), as palavras de uma língua são organizadas em sílabas. A sílaba é, para esse autor, uma estrutura constituinte da linguagem em função da qual se organizam, de maneira hierárquica, os fonemas. A organização da estrutura silábica é universal e, nesse sentido, espera-se que qualquer língua apresente características estruturais e padrões universais, mesmo que as regras fonotáticas para o preenchimento das posições da sílaba sejam individuais para cada língua. A organização padrão das sílabas é apresentada pelos autores da seguinte forma:

Figura 1: Estrutura da sílaba universal



Fonte: Dados da pesquisa

Esse modelo universal da estrutura silábica divide-se em duas partes essenciais que possuem, entre elas, uma relação intrínseca e hierárquica. São elas: o **ataque** – elemento de maior carga de sonoridade – e a **rima** – elemento de menor carga de sonoridade. Esses elementos silábicos podem ou não ser ramificados. O ataque, quando ramificado, é considerado complexo. A rima, quando ramificada, divide-se em núcleo e coda. O núcleo da sílaba é o elemento de maior carga sonora e a única ramificação indispensável na qual se apoiam os outros elementos. Ou seja, a sílaba só existe caso exista o núcleo e é nele que o ataque e a coda, quando existentes, se apóiam. A presença da coda, em contrapartida, é, como o ataque, facultativa, ou seja, ela pode ou não aparecer a depender da complexidade da sílaba.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para organizar a exposição dos resultados, apresentamos e discutimos um a um os pares de palavras que compõem nosso *corpus*. Para tratarmos do primeiro par, vejamos o Gráfico 1:

⁶ A análise das palavras em português teve por finalidade verificar se os registros não-convencionais em inglês seriam motivados por dificuldades da criança com a organização semiótica da escrita do PB. Como será possível ver na seção seguinte, as crianças tiveram poucas dificuldades com o registro das palavras em PB, o que permitiu pressupor justamente que as dificuldades com o registro em inglês estavam, sobretudo, ligadas às diferenças e semelhanças entre essas duas línguas e não a dificuldades das crianças com o funcionamento da escrita.

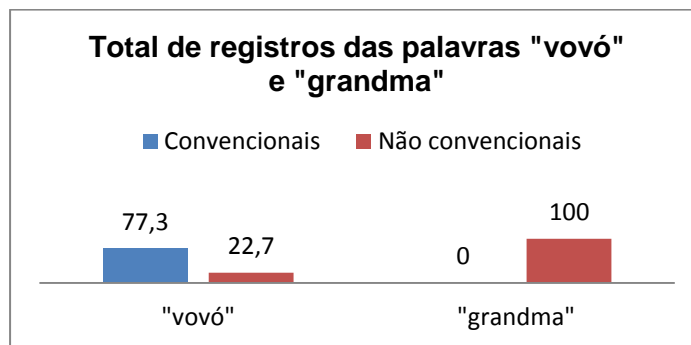


Gráfico 1: Total de registros das palavras “vovó” e “grandma”

Fonte: Dados da pesquisa

Nesse primeiro par de palavras, a maior parte dos alunos não teve dificuldade com a palavra em PB (“vovó”), mas tiveram grandes dificuldades com a palavra em inglês “grandma”. A palavra “vovó” foi registrada de maneira convencional por 51 crianças (equivalente a 77,3% dos registros de “vovó”) e de maneira não convencional por apenas 15, equivalente a 22,7% dos registros. A alta taxa de regularidade pode se dever, primeiramente, à integração dessa palavra no vocabulário e nas práticas sociais orais e letradas infantis desde muito cedo. A essa possível causa, acrescenta-se a relativa simplicidade da estrutura das sílabas que compõe a palavra, ambas com consoante (C) e vogal (V). Os desafios encontrados pelas crianças para grafar essa palavra incluem apenas o registro do núcleo vocálico das sílabas, uma vez que, na escrita, o grafema O pode ser usado para representar tanto as vogais /o/, /o/ e /u/, como em “copo”, “mosca” e “menino”. Para a eventual sinalização de uma diferença entre as vogais /o/ e /o/ na escrita, usa-se, às vezes, a marcação de um diacrítico específico, o acento agudo (´). No Quadro 1, apresentamos os registros não convencionais dessa palavra.

Quadro 1: Registros não convencionais da palavra “vovó”

Registros não convencionais	T = 15
vovo	9
vovô	3
vóvó	2
vóvo	1

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os registros não convencionais tiveram irregularidade quanto à marcação do diacrítico: 9 registros (equivalentes a 60% dos registros não convencionais) foram feitos sem o diacrítico e 3 registros (equivalentes a 20% dos registros não convencionais) com outro diacrítico, o acento circunflexo (^), na vogal da segunda sílaba, usado na ortografia do PB, eventualmente, para marcar vogais fechadas, como na palavra “vovô”. Além disso, 2 registros (equivalentes a 13,3% dos registros não convencionais) foram feitos com a marcação do diacrítico em ambas as sílabas e apenas 1 registro (equivalentes a 6,7% dos registros não convencionais) foi feito com o uso do diacrítico na primeira sílaba.

A palavra “grandma”, por sua vez, não foi registrada convencionalmente por nenhuma criança, como mostra o Gráfico 1. Todos os 61 registros estavam em desacordo com o esperado pela ortografia do inglês. Esse resultado já era previsto, uma vez que as crianças não haviam tido contato prévio com essa língua. Para analisar a natureza e as motivações desses erros ortográficos, um primeiro passo foi decidir onde estavam os limites das sílabas registradas pelas crianças. Para estabelecer esses limites, optamos por verificar se era possível reconhecer na escrita das crianças alguma das sílabas da palavra “grandma” registrada de forma próxima do convencional. Como também era esperado, a sílaba final de “grandma”, mais próxima da organização fonotática do PB⁷, foi registrada de forma convencional 57 vezes, equivalente a 93,4% dos registros. Em apenas 4 registros (6,6%), não foi possível verificar o registro de “ma”, são eles: “geyão”, “glem”, “guaw” e “geme”⁸.

Partindo desse registro convencional, observamos que todos os registros da primeira sílaba estavam em desacordo com as regras ortográficas do inglês, como é possível verificar no Quadro 2.

⁷ As organizações fonotáticas do português e do inglês se assemelham quanto ao registro de ma. As regras fonotáticas das línguas definem que os fonemas /m/ e /a/ podem ser distribuídos nessa sequência na sílaba, formando um ataque não ramificado seguido do núcleo vocálico (CV), como em “schema” e “lama”.

⁸ Esses registros singulares mereceriam uma descrição e uma análise que excedem os limites deste artigo.

**Quadro 2:** Registros não convencionais da palavra “grandma”

Registros não convencionais	T	Registros não convencionais	T	Registros não convencionais	T
Guema	19	Glema	1	Uema	1
Guerma	7	Geyão	1	Gruema	1
Grema	5	Glem	1	Querema	1
Gurema	4	Guaw	1	Urema	1
Gema	3	Guama	1	Quema	1
Guermma	2	Geme	1	Guemma	1
Gma	2	Uéma	1	Qma	1
Ghema	2	Neiema	1	Guéma	1
Glama	1				

Fonte: Dados da pesquisa

O alto índice de erros no registro dessa sílaba pode ter sido provocado pela própria complexidade dela e, mais ainda, pelas diferenças fonotáticas entre o PB e o inglês. A primeira sílaba da palavra “grandma” pode ser considerada altamente complexa. Ela possui um ataque ramificado, seguido de um núcleo vocálico e uma coda simples.

O ataque ramificado é composto pela consoante /g/, seguida da consoante /ɹ/. Quando comparado aos padrões fonotáticos do PB, temos o seguinte: a primeira consoante do ataque também pode ocorrer no PB e, talvez por isso, 54 crianças (88,5%) o registraram. Os demais registros (7 registros equivalentes a 11,5% dos dados) são bastante heterogêneos⁹. A segunda consoante, no entanto, embora exista no conjunto de fonemas do PB, não pode, nessa língua, ocupar a segunda posição do ataque silábico, mas apenas a posição de coda. Os ataques ramificados em PB podem ser ocupados apenas pelo tepe /r/ e pela lateral /l/. A ocorrência de /ɹ/ num contexto que inexiste em PB é o que pode ter levado os alunos a, mesmo conhecendo esse segmento, registrar outros grafemas que representam segmentos que podem guardar alguma semelhança com o que eles ouviram no ditado. Exemplos dessa hipótese foram os registros da vogal U, como “guema” e “guerma”. Outros registros mostram ainda uma possível tentativa de reorganização dessa sílaba complexa, formando duas sílabas simples, como em “gurema”.

O núcleo vocálico dessa primeira sílaba também é um local de diferença entre PB e o inglês. Esse núcleo é preenchido, em inglês, pelo fonema /æ/, que inexiste em PB. Foneticamente, esse fonema é percebido, em geral, pelos falantes do PB como próximo do fonema /e/. É provavelmente por essa razão que 55 crianças (90,1%) registraram o núcleo vocálico com a letra E. Os demais registros (6 registros equivalentes a 9,8% dos dados) são bastante heterogêneos¹⁰.

Ainda na primeira sílaba, a posição da coda é preenchida em inglês pelo fonema /n/. No registro ortográfico dessa palavra, a coda é grafada com ND. O registro ortográfico de D não representa fonema algum. Seu registro gráfico permanece, entretanto, devido à etimologia da palavra “grandma”: ela tem sua origem na combinação de “grand” com “mother”, em virtude da influência do francês (“grand-mère”) no início do século 15¹¹. Em relação à consoante N, ao contrário do PB¹², no inglês, a alternância entre consoantes nasais na posição de coda é distintiva – “seem” (parecer) X “seen” (visto). A ausência do registro de ND é plausível devido ao desconhecimento das crianças sobre as normas ortográficas do inglês. A grande ausência de qualquer grafema para o registro da coda – dos 61 registros, apenas 11 (18%) possuem algum grafema que pode ser interpretado como sendo uma tentativa de registro da coda (são eles: “guer.ma” (7 registros), guerm.ma (2 registros), neie.ma (1 registro) e guem.ma (1 registro) – por sua vez, pode ser justificada pelas próprias características fonético-fonológicas da coda: local de menor carga de sonoridade na sílaba e de maiores restrições, ou seja, é o local que pode ser ocupado por um número restrito de fonemas.

No entanto, mesmo com todas essas características que dificultam a percepção da coda, as crianças podem ter percebido a coda nasal e não registrado porque: (a) podem ter pressuposto que, como pode ocorrer no PB, essa nasalidade seria uma propriedade da vogal, adquirida pelo contato dela com a consoante /m/ no início da

⁹ Esses registros singulares mereceriam uma descrição e uma análise que excedem os limites deste artigo.

¹⁰ Esses registros singulares mereceriam uma descrição e uma análise que excedem os limites deste artigo.

¹¹ Informação extraída do Dicionário Online de Etimologia. Disponível em: <<http://www.etymonline.com>>. Acesso em 10 ago. 2015.

¹² Cristóvão Silva (1999, p.165-169) observa que a nasalidade fonológica do português pode ser descrita de duas maneiras distintas: (a) a partir do pressuposto de que existem, além das sete vogais orais, cinco vogais nasais; e (b) a partir do argumento de que as vogais nasais consistem na combinação de uma vogal oral com o arquifonema nasal /N/. A autora esclarece que, por um lado, admitir a primeira hipótese implica assumir um total de doze fonemas vocálicos distintos na Língua Portuguesa. Por outro lado, adotar a segunda hipótese implica que a combinação de uma vogal oral com um arquifonema nasal resulta em uma sílaba travada, uma vez que a vogal nasal comporta-se de maneira semelhante às vogais que ocorrem em sílaba travada por consoante. Mattoso Câmara (1970) defende que a primeira hipótese não deve ser considerada em línguas que não apresentem as vogais nasais como fonemas distintivos e que, para explicar a nasalidade fonológica em PB, o melhor seria optar por considerar a existência de um arquifonema nasal. Neste trabalho, assumimos a hipótese defendida por Mattoso Câmara (1970).



segunda sílaba (*grand.ma*), em analogia a outras palavras em PB, como *ca.ma*; e (b) para evitar, mesmo tendo percebido a coda, uma sequência ortográfica impossível em PB¹³.

Quanto ao segundo par de palavras (“olhos/eyes”), vejamos o Gráfico 2:

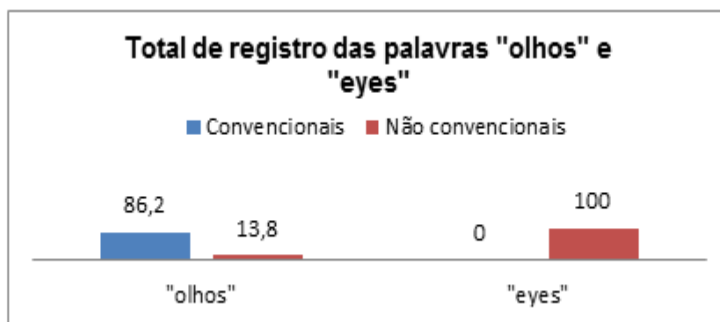


Gráfico 2: Total de registros das palavras “olhos” e “eyes”

Fonte: Dados da pesquisa

Como é possível ver no Gráfico 2, a palavra selecionada em PB foi registrada convencionalmente por 86,2% das crianças (em números absolutos, 56) e de forma não convencional por apenas 13,8% das crianças (em números absolutos, por apenas 9 crianças). Desse total, todas as irregularidades foram na segunda sílaba, como mostra o Quadro 3. A ausência de irregularidades na sílaba inicial deve-se a sua simplicidade fonotática: ela é uma sílaba formada apenas por um núcleo vocálico.

Quadro 3: Registros não convencionais da palavra “olhos”

Registro do aluno	T =
Olios	4
Olho	2
Olo	1
Olhós	1
Olhs	1

Fonte: Dados da pesquisa

No Quadro 3, é possível ver que a maior dificuldade ortográfica apresentada pelas crianças no registro da segunda sílaba de “olhos” foi em relação ao dígrafo LH. No total, 4 (55,6%) das crianças registraram o dígrafo de maneira não convencional. Os outros registros não convencionais incluem o não registro da coda (“olho”, 22,2%, equivalente a 2 registros), o não registro do núcleo vocálico (“olhs”, 11,1%, relativo a apenas 1 registro) e a utilização não-convencional de um diacrítico no núcleo vocálico (“olhós” 11,1%, relativo a apenas 1 registro).

Já a palavra em inglês (“eyes”) não foi registrada convencionalmente por nenhum aluno. Vejamos os registros não convencionais no Quadro 4.

Quadro 4: Registros não convencionais da palavra “eyes”

Registros não convencionais	T	Registros não convencionais	T	Registros não convencionais	T	Registros não convencionais	T
ais	25	aizi	1	hails	1	ways	1
ays	5	aeds	1	hatis	1	wyas	1
awsy	4	arzis	1	osi	1	ansid	1
aís	3	átis	1	yains	1	aydy	1
ai.si	2	hays	1	hais	1	as	1
aiis	1	aiys	1	awysw	1	ayz	1
aes	1						59

Fonte: Dados da pesquisa

Todos os 59 registros são não convencionais de acordo com a ortografia do inglês, como já se esperava, dado o não contato prévio das crianças com o inglês. Esta palavra é formada por apenas uma sílaba complexa. O núcleo vocálico é composto de um ditongo decrescente /ai/, cuja ocorrência também é possível em PB, como “pai”

¹³ Em inglês, NM e MM são ocorrências possíveis desde não estejam na mesma sílaba, como em “inmate” (presidiário) e “immortal” (imortal), mas, em PB, não.



e “gaivota”. A representação ortográfica do ditongo em inglês é feita com os grafemas EYE. A coda dessa palavra monossilábica é ocupada pelo fonema /z/, representado pelo grafema S, que indica que a palavra está no plural. Em inglês, quando o grafema S indica pluralidade, ele pode representar fonemas diferentes (/s/ ou /z/) a depender do fonema que os precede na sílaba. No caso de “eyes”, S representa a fricativa sonora /z/, pois, na sílaba, ela é precedida do ditongo, também sonoro.

Para investigar a natureza e as motivações dos erros ortográficos apresentados no Quadro 4, o primeiro passo foi localizar pistas do registro do ditongo decrescente. Com base nessa observação, verificamos que, em 32 (54,2%) dos 59 registros não convencionais, as crianças registraram o ditongo utilizando a sequência de grafemas **AI** (precedido ou não de outros grafemas¹⁴), sequência essa que, no PB, também tem a finalidade de registrar o ditongo decrescente /ai/. Dos 59 registros não convencionais, em 21 (35,6%), as crianças registraram o ditongo utilizando a sequência de grafemas **AY** (precedido ou não de outros grafemas), sequência de grafemas bastante incomuns em PB. Observamos, ainda, que, em 3 (5,1%) registros, as crianças registraram o ditongo utilizando a sequência de grafemas **AE** (precedido ou não de outros grafemas). Vimos, ainda, três registros bastante singulares, são eles: “ansidi” “wyas” e “osi”¹⁵.

O registro do ditongo com AI, muito provavelmente, é motivado pela semelhança entre LM e LE. As crianças, em suas práticas sociais orais e letradas em LM, ouvem e registram esse ditongo com a sequência de grafemas AI. O registro com AY pode sinalizar uma tentativa das crianças em fazer uma *estrangeirização* das palavras. Neste trabalho, por falta de um termo mais adequado, estamos fazendo uso da palavra *estrangeirização*¹⁶ para marcar uma possível imagem que a criança constrói de uma LE. Por fim, o registro com AE também pode sinalizar uma tentativa das crianças em fazer uma *estrangeirização* das palavras. Além disso, AE pode ter sido usado como uma hipercorreção. Como afirma Cagliari (1998), durante as fases iniciais da aquisição da escrita, o sujeito se depara com possibilidades de registros ortográficos que contrastam com informações que ele adquiriu previamente, o que pode fazer com que ele crie hipóteses e registros equivocados. É muito comum, a partir disto, que os sujeitos façam uma hipercorreção em seus registros a partir de regras ortográficas de outros contextos. Um exemplo muito comum de hipercorreção no PB é o registro de E mesmo quando a vogal produzida na palavra é /i/, muito provavelmente, por uma associação com outras ocorrências nas quais /i/ é representado por E, como “denti”.

Com relação à coda, verificamos que, dos 59 registros não convencionais, 43 (72,9%) foram escritos com o grafema S. Apenas 1 (1,7%) foi registrado com o grafema Z e 15 (25,4) envolviam soluções bastante heterogêneas. O alto índice de registro com S e o baixo índice de registro com Z podem ser explicados pelo conhecimento prévio dos alunos de sua LM e a associação dela com a LE. Em PB, a produção de /s/ e /z/ na coda é possível, porém, nesta posição, há um maior número de palavras registradas com S, mesmo quando este grafema representa uma neutralização dos fonemas /s, z, ʃ, ʒ/ nesta posição¹⁷. O grafema S, além disso, carrega informação morfológica importantíssima para o PB. Como sabemos, o S é, por excelência, o morfema responsável por indicar o plural nos nomes. Desta forma, é possível que os alunos possam ter percebido a produção de /z/, porém registraram S porque foram mais afetados pela informação morfológica do que pela fonético-fonológica. Os demais registros, bastante singulares, mereceriam uma descrição e uma análise que excedem o escopo e os limites deste artigo.

Para o terceiro par de palavras, apresentamos, abaixo, o Gráfico 3, com os resultados gerais. Nesse gráfico, é possível ver que a palavra selecionada em PB foi registrada convencionalmente por 79,4% das crianças (em números absolutos, por 50 crianças) e apenas 20,6% das crianças (em números absolutos, 13 crianças) registraram essa palavra de forma não convencional. Desse total, 3 (23,1%) das irregularidades ocorrem apenas na primeira sílaba, 4 (30,8%), apenas na segunda sílaba e 6 (46,1%) em ambas as sílabas, como mostra o Quadro 5 adiante.

¹⁴ Por causa dos limites desse artigo, não comentaremos os registros que antecedem o registro do ditongo.

¹⁵ Esses registros singulares mereceriam uma descrição e uma análise que excedem os limites deste artigo.

¹⁶ Neste trabalho, não utilizamos o termo *estrangeirização* (“foreignizing”) com o sentido que ganha nos trabalhos da área de tradução, como em Venuti (1995). No processo tradutório, esse termo corresponde a preservação de aspectos linguísticos e culturais da língua do texto fonte, a fim levar o leitor até o texto “original” e distanciá-lo da língua do texto traduzido.

¹⁷ A neutralização dessas consoantes ocorre em posição final de sílaba e mostra a perda de contraste fonêmico (cf. CRISTÓFARO SILVA, 1999).

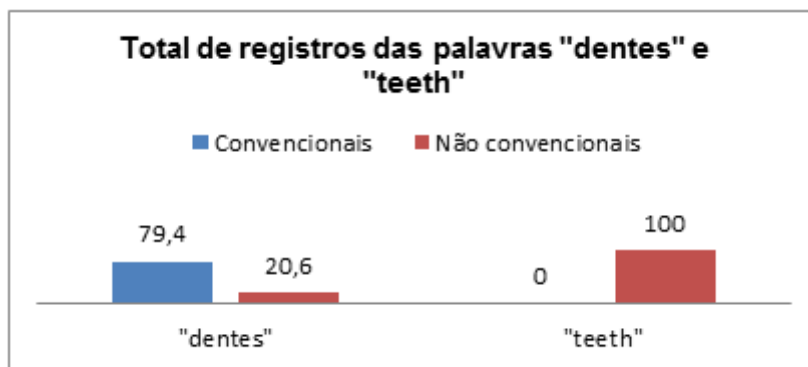


Gráfico 3: Total de registros da palavra “dentes” e “teeth”

Fonte: Dados da pesquisa

Quadro 5: Registros não convencionais da palavra “dentes”

Registros não convencionais	T = 13	Registros não convencionais	T = 13	Registros não convencionais	T = 13
deitis	2	dente	1	deites	1
detes	2	dendes	1	deti	1
dendis	1	denter	1	demdes	1
dedas	1	deste	1		

Fonte: Dados da pesquisa

Do total de registros não convencionais na palavra “dentes”, 9 (69,2%) ocorreram na primeira sílaba (**den**), incluindo aqueles com irregularidades em ambas as sílabas. Todos os registros não convencionais da primeira sílaba ocorreram na coda, ocupada por um arquifonema nasal. Estes registros ocorrem de forma não convencional ora pelo registro de uma vogal, como em “deitis” e “deites” (3 registros, equivalentes a 33,3%), ora pelo não registro da consoante, como em “detes” e “deti” (4 registros, equivalentes a 44,5%) ou, ainda, pela seleção de outros grafemas cujas ocorrências são possíveis para representar fonemas que, em PB, ocupam a posição da coda, como em “deste” e “demdes” (2 registros, equivalentes a 22,2%).

Na segunda sílaba da palavra, parte das crianças apresentou dificuldade ortográfica quanto ao registro de T. Do total de registros não convencionais, 4 (equivalentes a 30,8%) ocorreram pelo registro de D ao invés de T, como em “demdes”, “dendis” e “dendes”. O registro de D é plausível considerando-se a proximidade dos grafemas T e D quanto aos traços dos fonemas que eles representam, /t/ e /d/, respectivamente. Esses fonemas têm uma série de traços em comum que os aproximam, a saber: <-soante; -silábico; +consonantal; +coronal; +anterior; -contínuo>. O único traço que os diferencia é o da sonoridade, sendo /t/ -sonoro e /d/ +sonoro. Além destas características, os fonemas partilham também a semelhança quanto a sua distribuição na sílaba, já que suas ocorrências só são possíveis na posição do ataque simples ou ramificado.

Ainda se tratando da segunda sílaba da palavra em PB, um total de 30,8% das crianças (4, em números absolutos) registrou alguma irregularidade quanto na escrita do fonema /s/ na coda. As ocorrências não convencionais se deram pelo não registro da coda, como em “denti” (3 registros, equivalentes a 23,1% dos dados). A ausência de registro da coda por ser justificada: (a) pelas próprias características fonético-fonológicas da coda (sonoridade menor e alta complexidade); e (b) pela formação de uma palavra no singular, constituída pela ausência do morfema -s, existente em PB (“dente”).

Apenas uma criança registrou a coda de forma bastante singular, utilizando o grafema R. Esse registro, embora singular, não é aleatório, já que, em PB, a coda só pode ser ocupada por um número limitado de fonemas e, dentre eles, pelo arquifonema R. A escolha da criança, portanto, funda-se em restrições fonotáticas da sua língua.

Resta mencionar os registros não convencionais do núcleo da segunda sílaba: 4 registros com o grafema I (equivalentes a 30,8% dos dados) e um único registro com A (equivalentes a 7,7% dos dados). O registro com I pode ser considerado plausível considerando-se que esse grafema pode representar, em PB, o fonema /i/ em sílabas átonas, em posição final de palavras, onde ocorre um processo de neutralização¹⁸. O registro com A, bastante singular, mereceria uma descrição e uma análise mais qualitativa que fogem ao escopo e aos limites deste artigo.

Quanto à palavra selecionada em inglês (“teeth”), não houve nenhum registro convencional. Vejamos, no Quadro 6, os registros não convencionais dessa palavra.

¹⁸ A neutralização de vogais ocorre no final de palavras, em sílabas átonas, para expressar a perda de contraste fonêmico (cf. CRISTÓFARO SILVA, 1999).



Quadro 6: Registros não convencionais da palavra “teeth”

Registros não convencionais	T = 60	Registros não convencionais	T = 60	Registros não convencionais	T = 60	Registros não convencionais	T = 60
tis	7	tyvis	1	tir	1	tivs	1
tif	7	sin	1	tid	1	tifis	1
tivi	5	tyntss	1	dif	1	tiuirs	1
tyyws	4	tins	1	tirv	1	tin	1
tifs	3	chitis	1	twy	1	tiis	1
tyf	3	tivis	3	ty	1	tifys	3
tys	2	teli	1	tyleys	1	tit	1
tiz	2	dins	1	tiss	1		

Fonte: Dados da pesquisa

A palavra *teeth*, em inglês, é monossílabo, composta, no ataque, por /t/, representado por T, seguido do núcleo vocálico /i:/, representado por EE e da coda /θ/, representado por TH. Do total de registros não convencionais (60), apenas 6,7% (equivalente a 4 registros) ocorreram no ataque silábico. Os registros não convencionais do ataque ocorreram ora com o registro de D ao invés de T (“dif” e “dins”), ora com o registro de CH, como em “chitis”, e, ainda, com o registro de S, como em “sin”. Para os registros de D, resgatamos a hipótese já mencionada anteriormente, de que os grafemas D e T, tanto em PB quanto em inglês, representam fonemas que guardam proximidades de traços fonológicos, o que pode justificar a representação gráfica não convencional no registro deles. A análise dos motivos que levaram ao registro das demais ocorrências, infelizmente, excederia os limites desse artigo.

Nenhum dos registros do núcleo vocálico ocorreu de forma convencional. Na palavra em questão, ele deve ser convencionalmente registrado pela sequência de vogais EE¹⁹. A produção sonora deste fonema aproxima-se da produção, em PB, de /i/, que pode ser representado pelos grafemas I, E e, menos comumente, com Y, como em “esquina”, “dente” e “Yago”. Em inglês, a duração da vogal é um traço distintivo, enquanto que, para o PB, não é um traço relevante. Pressupomos que, apesar desta diferença, as crianças tenham feito uma associação da produção de /i:/ da palavra em inglês com a produção de /i/ em PB e, por isso, registraram o grafema mais comum para a representação desse fonema em PB. Dos registros não convencionais de EE, 36 registros (equivalentes a 69,2%) foram feitos com o grafema I, como em “tis” e “tivi”. Esse núcleo foi registrado 8 vezes com o grafema Y (equivalentes a 15,4% dos registros) e 8 vezes (equivalentes a 15,4% dos registros) de formas bastante singulares, com combinações pouco possíveis na escrita do PB, como em “tyyws” e “twy”²⁰. Tanto os registros com Y quanto os registros mais singulares, novamente, podem sinalizar uma tentativa das crianças em fazer uma *estrangeirização* das palavras, ou seja, resultam de uma possível imagem que a criança constrói do que seja uma LE: diferente da sua LM.

A coda da palavra “teeth” é preenchida, como adiantado, pelo fonema /θ/. Esse fonema deve ser registrado convencionalmente em inglês com o dígrafo TH, no entanto, não observamos em nossos dados nenhum registro convencional. Apesar de não conhecerem este fonema, as crianças arriscaram-se propondo um registro para a coda, o que sinaliza que elas tiveram a percepção fonético-fonológica desse fonema e buscaram fazer o registro usando grafemas que, em PB, representassem fonemas semelhantes ao que elas ouviram. As ocorrências mais comuns para o registro desse fonema foram grafemas que representam fonemas fricativos, que compartilham pelo menos um traço fonológico com o fonema da palavra analisada, como, por exemplo, “tis”, “tif” e “tiz” – totalizando 21 registros (equivalentes a 40,4% dos dados). Em alguns registros mais singulares (4 registros, equivalentes a 7,7% dos dados), as crianças escreveram uma sequência de grafemas que representam fonemas fricativos, como “tifs” e “tiss”, provavelmente para sinalizar uma diferença entre LM e LE, já que, em PB, essa sequência de grafemas que representam fonemas fricativos não é possível.

Observamos, também, 14 registros (equivalentes a 26,9% dos dados) nos quais é possível detectar indícios de que as crianças constroem uma nova sílaba, como em “tyfys”, “tivis” e “tifis”. Ou seja, as crianças transformaram a palavra *teeth* – um monossílabo - em um dissílabo. Esses registros sinalizam que as crianças procuraram registrar a palavra “teeth” seguindo um padrão fonotático mais comum na sua LM (CV), transformando o que era um coda em inglês (posição de maior complexidade) em uma sílaba.

Os demais registros (13 registros, equivalentes a 25% dos dados) são bastante heterogêneos e incluem: (a) a ausência de registro da coda (“ty” e “twy”); (b) o registro de grafemas que representam consoantes nasais (“sin” e “tin”); (c) o registro de grafema que representa consoante oclusiva (“tit”); (d) registro de sequências de grafemas (com em “tyntss” ou “tiuirs”). Esses registros heterogêneos e bastante singulares mereceriam uma descrição e uma análise mais qualitativa que, infelizmente, extrapolam o escopo e os limites deste artigo.

¹⁹ Em inglês, o fonema /i:/ pode ser representado pelos grafemas E, EE, EA, IE, EY, I, dentre outros, como em “be”, “see”, “leaf”, “piece”, “receive”, “key”, “police”.

²⁰ Esses registros singulares mereceriam uma descrição e uma análise que excedem os limites deste artigo.



4 CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, o intuito foi refletir sobre a maneira como se daria a relação entre LM e LE a partir do exame de dados com características bastante particulares: registros escritos de palavras em língua inglesa feitos por crianças em processo de aquisição da escrita de sua língua materna, falantes do PB, com pouco ou nenhum contato prévio com o inglês. A análise dos dados selecionados permitiu verificar que os registros em geral indiciam tentativas das crianças em registrar a LE com base numa aparente percepção fonético-fonológica das palavras em inglês. Ao se depararem com a produção de segmentos de palavras em inglês cuja representação ortográfica era desconhecida, pudemos observar que grande parcela das crianças tentou registrar algo semelhante ao que aparentemente ouviu. Constatamos, também, que as crianças não só se baseiam numa percepção da organização fonético-fonológica das palavras em inglês, mas também nas imagens que constroem sobre o que é o “estrangeiro”, imagens que captamos em nossa pesquisa pelas tentativas das crianças de fazerem registros que se distanciassem dos padrões ortográficos e fonotáticos do PB. Essas tentativas referem-se aos grafemas ou combinações deles pouco recorrentes ou impossíveis no PB, como foi possível observar com a grande frequência que os grafemas Y e W apareceram nos registros.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. O que é a ortografia. **Estudos Lingüísticos XXIII–Anais de Seminários do GEL**. São Paulo, CNPq/GEL, v. 1, p. 552-9, 1994.

CHACON, Lourenço. **Erros ortográficos e características da sílaba na escrita infantil** (no prelo), 2015.

CORACINI, Maria José. Língua Estrangeira e Língua Materna: Uma questão de sujeito e identidade. In: _____. **Identidade e discurso**. Chapecó, SC: Argos, 2003. p. 139-195.

_____. Ser/Estar entre-línguas-culturas. In: _____. **A Celebração do Outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2007. p. 116-162.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios** 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1999. p. 165-169.

DO AMARAL, Aline Simão et al. **Omissão de grafemas e características da sílaba na escrita infantil**. Revista CEFAC, v. 13, n. 5. 2011. p. 846-855,

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

SELKIRK, Elizabeth. **Phonology and syntax**. The relation between sound and structure. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.

VENUTI, Lawrence. **The translator invisibility**. A History of Translation. London: Routledge, 1995.